



Acesso ao Serviço Educativo do Museu de Angra do Heroísmo.

Primórdios da indústria tabaqueira nos Açores

De Fábrica de Tabaco a Serviço Educativo

O edifício em que funcionou a Fábrica de Tabaco Âncora mantém-se na atualidade, sem grandes alterações estruturais, albergando o Serviço Educativo do Museu de Angra do Heroísmo, desde 2008.

A cultura do tabaco foi introduzida nos Açores, mais especificamente na ilha de São Miguel, na primeira metade do século XIX, na sequência das experiências que comprovavam a sua adequação ao solo e clima açorianos e a recomendavam como uma fonte de rendimento alternativa à produção de laranja, cujo ciclo declinara.

Tradicionalmente, o setor dos tabacos era um exclusivo da Coroa, que o geria diretamente ou o arrendava a particulares, pelo que foi preciso esperar pela lei de 13 de maio de 1864, que abolia o Contrato de Tabaco existente, para que fossem liberalizados a cultura, o fabrico e o comércio deste produ-

to, no continente e nas ilhas adjacentes. Tal liberdade foi, no entanto, contrabalançada pelo pagamento de adicionais às contribuições diretas e pela imposição de um novo imposto sobre o consumo que compensava o Estado pela abolição do monopólio.

Apesar destas contrariedades, a nova lei propiciou um clima de otimismo no setor, traduzido, a nível regional, pela fundação da Fábrica de Tabaco Micaelense, em 1866, por José Bensaúde e pelos seus sócios Clemente Joaquim da Costa, Abraão Bensaúde e José Jácome Correia. José Medeiros Cogumbreiro imitou-os em 1882, criando a Fábrica de Tabaco Estrela, também em Ponta Delgada.

As fábricas empregavam essencialmen-

Texto: **Ana Lúcia Gonçalves Almeida** | DRC | Museu de Angra do Heroísmo.
Fotos: **Museu de Angra do Heroísmo**

te mão de obra feminina e utilizavam matéria-prima maioritariamente produzida na ilha de São Miguel. De facto, tal como acontecia com o álcool, a aposta nesta indústria visava essencialmente reduzir os elevados custos de importação de matéria-prima e aproveitar simultaneamente a mão de obra barata que garantia uma produção a baixo custo.

Não obstante as limitações do mercado local, agravadas pelo facto de muitos agricultores produzirem para consumo próprio, registou-se um rápido e significativo aumento do número de unidades fabris. Esta prosperidade não seria, contudo, duradoura, já que a lei de 18 de agosto de 1887 alterava a de 1885, que determinava que o tabaco insular manipulado nas ilhas só pagasse direito sobre as matérias-primas. De acordo com a nova lei, os tabacos açoriananos exportados

para o reino passavam a ser tributados com os mesmos direitos dos tabacos estrangeiros, apesar da sua qualidade inferior, o que veio prejudicar os Açores, dificultando o acesso ao mercado continental.

Pela lei de 22 de maio de 1888, por seu turno, assistiu-se à criação da Régie e à intenção deste novo monopólio do Estado passar a comprar 5% da produção de folha insular, adquirida em todas as ilhas, o que só viria de facto a acontecer no final da década de 30 do século seguinte.

Ao mesmo tempo, os direitos sobre os tabacos estrangeiros baixavam e os tabacos da Régie chegavam a ser mais baratos no arquipélago do que no reino¹.

O novo contrato de 1891 e a criação da Companhia dos Tabacos de Portugal viam agravar ainda mais a situação, dado que os tabacos açoriananos, nas alfândegas



Plano promocional da fábrica de Tabaco Ancora.



Nesta e na página seguinte: Fábrica de Tabaco Ancora (coleção MAH).

nacionais, pagavam menos 10% que o tabaco estrangeiro, mas o mesmo acontecia aos tabacos nacionais nas alfândegas insulares.

Assim, o tabaco das ilhas não era competitivo no reino, mas o nacional tornava-se agora mais acessível no arquipélago. As fábricas viram-se, pois, forçadas a concorrer ruinosamente pelo domínio do mercado local e muitas extinguíram-se.

A exceção foi a Fábrica de Tabaco Micaelense que importou novas tecnologias e novas receitas de manipulação, envolvendo a mistura do tabaco insular com qualidades exóticas importadas. A Micaelense não só vai distribuir a sua produção para todas as ilhas, mas também expandir-se para a Madeira e colónias africanas, a ponto de no Continente se insurgirem contra as fabriquetas insulares que, supostamente, exploravam

consumidores e cultivadores, especulando os preços de venda ao público e explorando uma mão de obra rural ignorante.

Na sequência da introdução das fábricas madeirenses no mercado açoriano, na década de 30 do século passado, em associação com a Fábrica de Tabaco Micaelense, estabeleceu-se um acordo para a partilha do mercado entre esta e a Fábrica de Tabaco Estrela. A exclusividade de exportação para a Madeira ficava para a última, ficando a Micaelense com o mercado de São Miguel.

Fábricas de Tabaco Terceirenses

Na Terceira, a evolução da indústria tabaqueira foi bem mais lenta. Segundo Paulo Silveira e Sousa², também nesta ilha, por volta de 1865 ou 66, se terá encetado o cultivo



Fábrica de Tabaco Ancora (coleção MAH).



"Do Fundo do Mar", ateliê de escultura, atividades de verão.

do tabaco, e, conseqüentemente, sido estabelecidas duas pequenas fábricas orientadas por um mestre estrangeiro.

João Marcelino de Mesquita Pimentel, que depois se associaria a George Phillips Dart, um dos grandes negociantes locais, criou, então, a Necotiana Angrense. Os produtos da mesma mostraram-se, porém, incapazes de concorrer em preço e qualidade com os micaelenses, o que levou à suspensão da laboração.

Em 1875, uma parte considerável do tabaco consumido pelos terceirenses era importada de São Miguel, já que a sua inferior qualidade era compensada pelo baixo

preço. Mantinham-se, todavia, pequenas porções de terreno com esta cultura, destinadas a autoconsumo.

Na década de 1880, em ano indeterminado, foi fundada a fábrica de Tabacos Angrense, pelos irmãos Manuel Severino Soares de Avelar e Silvério Severino Soares de Avelar, que consta ter laborado pelo menos até à década de 1890.

Em 1887, João Baptista da Costa e José Cardoso Ávila fundaram a Flor de Angra, que terá depois passado para José Joaquim de Oliveira Brás, o único industrial do ramo registado na ilha, no início do século XX.

De acordo com o autor já citado, desde 1864 a 1909, foram concedidas seis licenças para instalar unidades de transformação de tabaco na ilha Terceira. Todas elas fracassaram, à exceção da Flor de Angra, que, com os seus 18 empregados, era, aquando do Inquérito Industrial de 1889, a indústria mais pequena do género no arquipélago.

Em 1923, instalou-se no percurso da Ribeira dos Moinhos, nas traseiras do antigo convento de São Francisco, a Fábrica de Tabaco Âncora Lda., no seguimento da constituição da Sociedade Ávila & Borba³. Em 1928, foi autorizada a construção de mais uma indústria do género na Terceira, mas esta não chegou a entrar em



Ateliê de expressão plástica com utentes do Instituto das Irmãs Hospitalares.



"Cinderella de Papel", atelê de fantoches, atividades com escolas.

funcionamento.

Em 1928/29, a produção de tabaco, na ilha Terceira, foi respetivamente de 25.400 kg e de 22.200 kg, enquanto o tabaco importado atingiu os 14.700 kg. Em 1930, a importação foi de 34.200 kg, o que contribuiu para a diminuição da produção terceirense e levou a que as fábricas laborassem apenas alguns dias por semana. Esta situação deu origem a uma renhida campanha de sensibilização em prol do consumo local, que só foi moderada pela intervenção do governo.

Em 1933, definiu-se que o tabaco de São Miguel e da Madeira não podia ter um preço inferior, no distrito de Angra, ao que era praticado na origem e vice-versa. Para assegurar a aplicação desta medida, as câmaras locais podiam lançar impostos sobre os tabacos provenientes de outras ilhas. Foi o que fez a Câmara de Angra do Heroísmo, lançando impostos sobre as marcas mais baratas, mas sem que tivesse grandes resultados, porque foram imediatamente lançadas novas marcas com preços idênticos aos anteriores.

Só se resolveu o problema, um ano depois, levantando o imposto camarário de 5\$00 por kg, sobre o tabaco comercializado na Terceira, mas manipulado em São Miguel e na Madeira, e aumentando-o pos-

teriormente. Não é por isso estranho que, precisamente no ano de 1934, a Âncora seja comprada pela Fábrica de Tabaco Madeirense, de Leacock e C.ª, e pela Micaelense, passando a representar, por isso, aos olhos dos locais, os interesses da ilha de São Miguel.

A intervenção governamental impediu a falência da Flor de Angra, que renovou o seu parque industrial, investindo em novas máquinas movidas a eletricidade e contratando um técnico estrangeiro para orientar a produção e criando novas estruturas para secagem e armazenamento de folha de tabaco na freguesia das Lajes.



"Mestres do Danço", atelê familiar do bailarinhos de Carnaval.



"Leviatã, Lúscia e Kraken e outras criaturas misteriosas", alefê de pintura coordenada por artista plástica.

A Fábrica de Tabaco Âncora

A Fábrica de Tabaco Âncora procedia ao tratamento de folhas já devidamente secas, provenientes de secadores localizados na zona de Vale Linhares, na freguesia de São Bento, produzindo cigarros, cigarrilhas e picados, com várias designações e embalagens diferenciadas. Laborava mediante o aproveitamento da força motriz das águas da Ribeira dos Moinhos, que fazia funcionar as diferentes máquinas envolvidas no processo de transformação da matéria-prima. A partir de meados do século XX, começam a ser utilizados motores elétricos, tendo-se registado também a utilização de um motor a gasóleo. O encerramento deu-se no último quartel do século XX.

O edifício em que funcionava a Fábrica de Tabaco Âncora mantém-se na atualidade, sem grandes alterações estruturais, albergando o Serviço Educativo do Museu de Angra do Heroísmo, desde 2008. A memória da fábrica foi assegurada, uma vez que se conservaram diversas máquinas, instaladas nos seus locais de funcionamento original, assim como o que restou do sistema de distribuição de energia.

No início da década de 90, aquando

de operações de limpeza da fábrica, foram encontradas grandes barricas cheias de tabaco para laboração. Em virtude de estar apodrecido, na sua maior parte, este tabaco teve de ser destruído, tendo-se, todavia, preservado uma pequena quantidade.

Na exposição de longa duração, "Do Mar e da Terra... uma história no Atlântico", o Museu de Angra do Heroísmo evoca também a memória desta fábrica, através da mostra de coleções de papel para maços de cigarros e pacotes de picado, assim como de brindes (ver abaixo) que eram oferecidos aos clientes.

Serviço Educativo do Museu de Angra do Heroísmo

A criação do Serviço Educativo do Museu de Angra do Heroísmo data de 1967, graças à ação pioneira e espírito visionário do primeiro dos diretores desta instituição, Manuel Coelho Baptista de Lima. Contudo, só a partir de novembro de 2008 passa a ter instalações próprias, instalando-se na Antiga Fábrica de Tabaco Âncora.

Agraciado em 2012 com o Prémio APOM para o Melhor Serviço de Extensão Cultural, o Serviço Educativo do Museu de Angra do Heroísmo visa estimular uma aproximação

(...) o Serviço Educativo do Museu de Angra do Heroísmo visa estimular uma aproximação afetiva e crítica ao património artístico, histórico e cultural (...).

afetiva e crítica ao património artístico, histórico e cultural, apoiando-se no rico acervo da instituição para realizar atividades de caráter didático e lúdico direcionadas para diferentes tipos de público.

Nesse sentido, promove visitas guiadas, ateliês, conferências, encontros e outras iniciativas que exploram as múltiplas vertentes temáticas do vasto programa de exposições do Museu de Angra do Heroísmo, assegurando a construção de conhecimentos, a comunhão de vivências e também o suscitar de paixões e fascínios, numa perspetiva de educação não formal e num contexto

incentivador da criação de hábitos culturais.

A par de atividades pontuais, devidamente publicitadas na agenda mensal do Museu de Angra do Heroísmo, encontra-se ainda disponível um conjunto de ações de dinamização dos vários espaços expositivos passíveis de serem realizadas quando solicitado, mediante agendamento prévio. A consulta das diferentes ofertas educativas propiciadas pelo Serviço Educativo do Museu de Angra do Heroísmo pode ser realizada no sítio da instituição, acendendo ao seguinte endereço: <http://museu-angra.azores.gov.pt/museu-educativo.html>



Brindes, Fábrica de Tabaco Ancora.

Notas

¹ Arquivo F.T.M., Correspondência Geral, 1877-1888, n.º 14, fls. 68; carta de 24 de setembro de 1877 enviada a Francisco Gabriel de Angra do Heroísmo.

² Silveira e Sousa, Paula, "As atividades industriais no Distrito de Angra do Heroísmo", *Arquipélago História*, 2.ª Série, N.º 2/2000, pp. 147/149.

³ Escritura de 20 de julho de 1920, alterada pela escritura de 30 de junho de 1926, lavrada na Notário da Comarca de Angra, em 5 de julho de 1930.